

Editorial

Dando continuidade à concretização dos objetivos expressos na publicação do volume 1 da Revista Pesquisa em Educação Ambiental, entendida como um veículo para uma maior socialização da pesquisa em Educação Ambiental, procurando proporcionar um debate mais rico sobre a constituição desse campo no país, nos congratulamos com você, leitora e leitor, na convicção de que juntas/os estamos trilhando caminhos que, ainda que permeados pela pluralidade de idéias, sejam convergentes em relação ao interesse nessa construção, respeitosa e plural.

Este número traz a público artigos apresentados inicialmente nas sessões de apresentações orais do II e do III Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, escolhidos após uma primeira avaliação, por parte das editoras e dos editores da Revista. Após consulta às autoras e aos autores sobre seu interesse em publicá-los, cada artigo foi novamente submetido à análise de dois pareceristas da área, para uma avaliação da adequação para publicação que apontasse também eventuais sugestões de aprimoramento do texto. Quando os pareceres sobre um determinado artigo foram discrepantes, um/a terceiro/a parecerista foi consultado/a, de modo a garantir mais elementos no processo de decisão sobre a publicação ou não do mesmo.

Os temas dos encontros mencionados – “abordagens epistemológicas e metodológicas em Educação Ambiental” e “práticas de pesquisa em Educação Ambiental” – estão refletidos nos nove artigos que compõem este número, os quais se constituem de ensaios teóricos e de investigação com base empírica, seja de uma perspectiva metodológica ou histórica, seja de análises de propostas ou programas de Educação Ambiental.

No primeiro trabalho, Andréia Aparecida Marin questiona em seu texto determinados argumentos dos ambientalistas, pautados em discursos da moralidade, propondo pensar, alternativamente, nos caminhos abertos pela ética da compaixão,

que propõe o distanciamento do individualismo vigente e busca a dimensão da coletividade e da libertação, a fim de ampliar o conceito da ética nos discursos ambientalistas.

O artigo de Luciana Palharini traz contribuições para uma reflexão que se detém sobre a produção de discursos sobre os problemas ambientais, partindo de concepções elaboradas pelos pensadores franceses Michel Foucault e Felix Guattari. A autora nos aponta elementos para pensar as possibilidades e limites dos discursos sobre a questão ambiental, tendo como referentes a transversalidade e a disciplinaridade na construção de conhecimentos sobre o tema.

Também preocupado com o enfrentamento da fragmentação do conhecimento, Pedro Jacobi busca em seu texto estabelecer articulações entre meio ambiente e educação, a partir do conceito de “sociedade de risco”, do inglês Ulrich Beck, indicando alguns parâmetros para práticas educativas voltadas para a sustentabilidade, em particular aquelas interdisciplinares.

Alik Wunder, Erica Speglich, Fabiana Aparecida de Carvalho e Antonio Carlos Amorin apontam em seu trabalho algumas possibilidades para o campo da pesquisa em Educação Ambiental sob perspectivas pós-modernistas e pós-estruturalistas, com base em três dissertações de mestrado, que buscam lançar o olhar sobre um processo de desnaturalização dos pressupostos desse campo de pesquisa.

Com o intuito de contribuir para a consolidação da perspectiva metodológica da pesquisa-ação participativa, o trabalho de Marília Freitas Campos Tozzoni-Reis tem por propósito analisar algumas das categorias principais que sustentam essa metodologia, como o processo grupal, a formação ambiental e política e a participação.

A pesquisa documental de autoria de Sônia Zakrzewski e Michèle Sato trata da apresentação da evolução das perspectivas de Educação Ambiental no contexto das escolas públicas do estado do Rio Grande do Sul, no período compreendido entre 1930 e 2000. A relação que se pode observar entre a configuração do movimento

ambientalista e seus desdobramentos e o tratamento da questão pelo poder público é bastante esclarecedora, trazendo luzes para a compreensão da intrínseca ligação entre processos sociais, culturais e políticos mais amplos e a construção de um ideário ambientalista próprio da escola gaúcha.

Preocupadas com a inserção da ecoalfabetização de Fritjof Capra na Educação Ambiental brasileira, Shaula Maíra Vicentini Sampaio e Maria Lúcia Castagna Wortmann analisam em seu artigo alguns dos significados atribuídos à natureza nessa proposta educativa, desvelando como as explicações científicas oriundas da Biologia são transpostas para as relações sociais, produzindo determinadas interpretações e leituras da natureza, objeto de análise das autoras.

A partir da identificação da necessidade de uma análise mais cuidadosa daquilo que é veiculado por programas televisivos com a temática ambiental, Lucia de Fátima Estevinho Guido e Cristina Bruzzo discutem no trabalho apresentado a idéia de desenvolvimento sustentável presente num programa de televisão.

E, finalmente, o trabalho de Cleiva Aguiar de Lima e Maria Inês Copello Levy analisa uma simulação educativa que envolveu a inserção da dimensão ambiental num processo de ensino e aprendizagem de Biologia, detendo-se sobre duas categorias de análise: o desenvolvimento da capacidade de argumentação e a construção do pensamento a partir da interação social.

Esperamos que a leitura desses trabalhos contribua para a ampliação do panorama da pesquisa em Educação Ambiental no país, abrindo novas possibilidades de investigação e levantando questões a partir das análises e reflexões apresentadas.

São Carlos, novembro de 2007.

As editoras e os editores.